



A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO FINANCEIRA NA INFÂNCIA

The Importance of Financial Education in Childhood

Ernane Pereira da Costa Pinto¹
Graduando em Administração pela UniEVANGÉLICA - GO.

Márcio Dourado Rocha²
Orientador (a) do Trabalho de Conclusão de Curso –GO

¹ Ernane Pereira da Costa Pinto- Bacharelado no curso de Administração pelo Centro Universitário de Anápolis (UniEVANGÉLICA) - Brasil - Email: ernane-2@hotmail.com

² Rosalina M de Lima Leite do Nascimento – Professora do curso de Administração do Centro Universitário de Anápolis (UniEVANGÉLICA) - Brasil - Email: rosalina.nascimento@unievangelica.edu.br

RESUMO

Vivemos em um país onde se fala pouco quando o assunto é finanças, dinheiro, economia. Isso ocorre devido à falta de incentivo por partes dos governantes e da forma como o indivíduo foi criado. O ciclo social, a escola e até mesmo os pais. Pois é fundamental a educação financeira na vida das pessoas. Imagina se todo mundo gastasse menos do que ganha? Menos dívidas, mais oferta de crédito pelos bancos e com juros menos abusivos, um equilíbrio na economia, desta forma geraria mais empregos, e até um consumo mais consciente que facilitaria os comércios e instituições financeiras até para reduzir um pouco a inadimplência, entre diversas outras consequências. Porém, quando se trata de educação financeira, não se refere apenas a gastar menos do que ganha, pois vai mais além do que isso, desde o modo como você lida com o dinheiro, com o consumismo exacerbado, a sua mentalidade e seus hábitos. E os indícios de que esses problemas já se iniciam na infância nos leva a questionar a importância e a necessidade da educação financeira infantil.

Palavras-chave: Educação financeira. Gestão, Infância.

ABSTRACT

We live in a country where little is said when it comes to finance, money, economics. This is due to the lack of incentive on the part of government officials and the way in which the individual was raised. The social cycle, the school and even the parents. Because financial education is essential in people's lives. Imagine if everyone spent less than they earn? Less debt, more credit supply by banks and with less abusive interest, a balance in the economy, in this way would generate more jobs, and even a more conscious consumption that would facilitate the trades and financial institutions even to reduce a little the default, among several others consequences. However, when it comes to financial education, it is not just about spending less than you earn, it goes further than that, from the way you deal with money, with exacerbated consumerism, your mentality and habits. And the evidence that these problems already begin in childhood leads us to question the importance and the need for financial education for children.

Keywords: Financial education. Management, Childhood.

1 INTRODUÇÃO

No Brasil são mais de 60 milhões de pessoas com contas em atraso. Segundo dados do Serasa, isso ocorre em decorrência da falta de um bom controle financeiro e orçamentário. Não sabem lidar com o dinheiro e nem com seus gastos excessivos. De acordo com o IBGE, desempregados no Brasil chegam a 12,7 milhões, um número muito relevante. Mas o que a educação financeira tem a ver com esse fato? Muita coisa. Pois pessoas que tem reservas de emergências conseguem se sustentar melhor numa crise econômica e financeira e ao desemprego. É neste ponto que entra a educação financeira, gastar menos do que você ganha, poupar e investir. Um assunto que precisa de muita atenção devido ao crescimento rápido da população e sem instrução financeira.

Segundo Borges (2013), no Brasil, os estudos sobre educação financeira não têm caráter curricular na maioria das escolas de ensino médio, fundamental e até mesmo nas universidades, não existindo disciplinas sobre orçamento familiar e pessoal, ou planejamento financeiro pessoal, nem cadeiras específicas sobre o assunto.

Colocar o ensino de educação financeira em uso desde a infância faz com que se tenham jovens mais estruturados em suas finanças. O problema é que muitas famílias desconhecem o assunto e acabam tendo certas dificuldades em tratar e ensinar o tema aos seus filhos, isso se deve também a questão cultural, onde a economia brasileira antes do plano real era instável e não se sabia nem qual o valor do salário do próximo mês devido às altas inflações.

A melhor forma alternativa para abordagem do tema seria nas escolas, com o apoio da família para a prática, assim os alunos entenderiam que a educação financeira não visa o enriquecimento e sim a conscientização para que o jovem desenvolva atitudes para saberem lidar com o dinheiro.

Teixeira (2018), aborda que a educação financeira inserida no currículo escolar estimula a formação do consumo consciente. Educar e ensinar aos alunos a consumir de forma responsável dá a eles a oportunidade de conhecer, manusear e fazer o uso corretamente do dinheiro, fazendo com que alcancem o seu bem estar econômico, financeiro e social, proporcionando a eles uma qualidade de vida melhor.

Desse modo os alunos aprenderão de maneira simples, porém eficaz, através de métodos próprios para evitar que os adolescentes caiam em armadilhas como a mídia por exemplo.

Oliveira (et.al, 2018), nos diz que as decisões, no âmbito financeiro, acontecem de maneira muitas vezes impensada e irresponsável, o que, por sua vez, produz impactos negativos na vida de um cidadão. Isso decorre também do fato de que há uma falha no que se refere à efetivação da educação financeira nas escolas e de que ainda é um desafio para as mesmas a inserção da família no processo de alfabetização financeira, ou seja, de romper com uma socialização orientada para o consumismo.

Ferreira (2017), também nos diz algo relevante sobre a associação da socialização relacionada ao consumismo, segundo o mesmo pode-se dizer que a qualidade de vida de uma população pode depender do seu acesso a serviços econômicos e sociais como: emprego e renda, educação básica, alimentação adequada, acesso a serviços de saúde e saneamento básico, transporte. O termo abrange muitos significados que refletem conhecimentos, experiências e valores individuais e coletivos que a ele se reportam em variadas épocas, espaços e histórias diferentes, sendo, portanto, uma construção social com a marca da relatividade cultural.

Macedo Jr. (2007), diz que a população Brasileira possui dificuldades para administrar suas dívidas, dificuldades para adquirir bens e despreparo para enfrentar momentos de desemprego. Motivos como a facilidade na obtenção de crédito e a desorganização financeira são fortes indícios que levam as pessoas a se endividarem. Esses problemas não dizem respeito apenas à baixa renda, mas também a problemas ligados à má administração dos recursos financeiros.

Também, de acordo com Silva (2004), a realidade brasileira de que as pessoas não foram educadas para pensar sobre dinheiro na forma de administração, o que se vê é que a maioria gasta, muitas vezes, sem levar em conta sobre o impacto financeiro do seu orçamento de receita.

No ponto de vista de Brito (et.al, 2012) o superendividamento é fruto da sociedade de massas, onde o consumo é aquecido, através de publicidades agressivas, este apelo através da mídia e o do marketing que desperta o desejo de consumir sem planejamento prévio, utilizam a contabilidade mental, portanto, de

forma imediatista compram simplesmente por que a parcela cabe no orçamento, muitas vezes sem saberem que estão pagando o dobro do preço do bem ou serviço adquirido. Mas não só as empresas através do marketing e da mídia incentivam o consumo e criam nas pessoas o desejo de comprar, o governo também desempenha este papel mediante a disponibilização de crédito, que aquece e movimenta os mercados com o objetivo de aumentar a produção das empresas.

Na atual sociedade faz-se necessário instruir as novas gerações a lidarem com dinheiro. Pois certamente a educação financeira é fundamental para as famílias e possivelmente será um fator que trará certo equilíbrio e segurança no futuro, tendo como ponto de vista que, não basta saber ganhar dinheiro, mas também é necessário saber gastá-lo (PEREIRA et.al,2009).

REFERENCIAL TEÓRICO

Na atualidade possuímos diversos autores que além da abordagem da educação financeira de modo geral, nos instruem na área da educação financeira durante a infância.

Portanto, a Educação Financeira nas escolas se apresenta como uma estratégia fundamental para ajudar as pessoas a realizar seus sonhos individuais e coletivos. Discentes e docentes financeiramente educados podem constituir-se em indivíduos crescentemente autônomos em relação a suas finanças e menos suscetíveis a dívidas descontroladas, fraudes e situações comprometedoras que prejudiquem não só sua própria qualidade de vida como a de outras pessoas.

O “direito” das crianças a consumir configura de várias maneiras outros direitos legalmente constituídos, as crianças ganharam “voz” nos departamentos de vendas a varejo, na escolha de roupas e nos planos dos pesquisas de mercado, antes mesmo de seus direitos serem declarados em contextos como a Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos da Criança em 1989. A participação das crianças como protagonistas no mundo dos produtos, como pessoas dotadas de desejo, oferece uma base atual e em crescimento ao status delas como indivíduos portadores de direito (BAUMAN, 2008, p. 83).

É necessário considerar a quantidade de informações recebidas cotidianamente, devido à enorme gama de transformações rápidas que o mundo passa, em todos os âmbitos, políticos, sociais, econômicos. Todos existimos numa

sociedade de propagandas que em um sentido amplo busca facilitar a vida e as escolhas pessoais.

Mas qual é o verdadeiro entendimento sobre os produtos financeiros? Quem consome? Como o jovem e a criança compreendem e se posicionam diante de situações de consumo?

Justificando então a forma como a educação financeira em sua totalidade vem recebendo de forma cada vez mais recorrente um espaço nos debates, surgindo dela várias iniciativas de incentivo e de estudo, nesse contexto a educação financeira na infância vem como um pontapé inicial na tentativa de mudar comunidades despreparadas financeiramente, originando uma geração de investidores e consumidores conscientizados e responsáveis.

Tendo em vista a regulamentação da educação financeira nas escolas foi desenvolvido em 2010 pelo ministério da Educação a ENEF (Estratégia Nacional de educação Financeira) implementando o Programa de Educação Financeira nas Escolas.

Na época a primeira ação foi treinar 1200 professores e desenvolvimento de material didático e aplicação há 27000 alunos, após o pontapé inicial, a iniciativa foi avaliada pelo Banco Mundial e indicou melhora na proficiência financeira e comportamental dos alunos que receberam a instrução e também houveram efeitos positivos em seus pais, porém esse estudo inicial foi realizado com alunos de ensino médio.

De 2014 em diante foi realizado outro piloto com 400 professores e mais de 14.000 alunos, porém da educação fundamental, este trabalho também recebeu a avaliação do Banco Mundial que recebeu uma avaliação positiva.

Em 2016 houve mais uma etapa do programa com foco no professor, além de criação de um ambiente virtual de aprendizagem. Havia também a parceria com universidades públicas e secretarias de educação para criação de polos de aprendizagem que ministrariam cursos de extensão, o primeiro polo chegou a ser implantado no Tocantins.

Havia projeção de implantação de novos polos em Minas Gerais, Paraíba e Rio Grande do Sul. De acordo com a coordenação do programa 275 mil alunos foram impactados até 2017.

A partir de 2019 não foram mais encontradas informações, acreditamos que o programa foi extinto.

Na visão do Bacen (2013, p.72),” pessoas educadas financeiramente planejam melhor suas compras e cumprem seus compromissos financeiros”, em aspectos tanto de responsabilidade com prazos de pagamento quanto negociações e escolhas de alternativas benéficas.

Nos levando então a parte da alfabetização financeira, é imprescindível na formação das crianças que não devem resumir-se apenas em entender as letras, mas também os números. O autor cita que é fundamental estruturar o que os números estão dizendo e entender a história que eles contam, fundamentando então os conceitos de contabilidade. [...] A alfabetização financeira é a capacidade de ler e entender demonstrações financeiras. Isso lhe permite identificar os pontos fortes e fracos de qualquer negócio (KIOYOSAKI, 2000, p. 125).

De acordo com Cerbasi (2011), começar cedo e da forma correta podem ser iniciativas que diferenciarão, no futuro, um milionário de um endividado. É necessário, portanto, ensinar às crianças e jovens as competências adequadas para cuidarem dos próprios recursos e assim se tornarem independentes o mais rápido possível.

2 METODOLOGIA

Através do conceito de metodologia científica pode-se identificar que esta é a principal ferramenta para desenvolver um trabalho de pesquisa, pois através dele é possível definir a forma de explanação de técnicas e métodos que serão desenvolvidos com o intuito de facilitar a apresentação de problemas, comprovar hipóteses e estruturar os objetivos finais do trabalho.

Segundo Lakatos, Marconi (2004 p.46) método,

“É o conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo – conhecimentos válidos e verdadeiros -, traçando o caminho a ser alcançado a ser seguido, detectando erros e auxiliando as decisões do cientista”.

Kaplan apud Lakatos 2004, diz que “a característica distintiva do método é de ajudar a compreender, no sentido mais amplo, não os resultados da investigação científica, mas o próprio processo de investigação”.

Para as definições marketing de experiência, conceitos de marca, gestão de marca, eventos e aplicações de eventos como atividade de marketing, foram utilizadas pesquisas bibliográficas. O estudo como um todo se é composto por: pesquisa qualitativa, descritiva, exploratória, estudo de caso e bibliográfica.

De acordo com (Richardson 1999 apud Gil,2010), a pesquisa qualitativa pode ser caracterizada como a tentativa de uma compreensão detalhada dos significados e características situacionais apresentadas pelos entrevistados.

Conforme Cervo, Bervian (2007), pesquisa descritiva, “Busca conhecer as diversas situações e relações que ocorrem na vida social, política, econômica e demais aspectos do comportamento humano, tanto do indivíduo tomado isoladamente como de grupos e comunidades mais complexas”.

Ainda de acordo com, Cervo e Bervian (2007) “pesquisa exploratória, realiza descrições precisas da situação e quer descobrir as relações existentes entre os elementos componentes da mesma”.

Segundo Cervo, Bervian e da Silva(2007), “a pesquisa bibliográfica procura explicar um problema a partir de referências teóricas publicadas em artigos, livros, dissertações e teses, através dessa pesquisa é possível dentro de um trabalho científico recolher informações sobre o tema abordado, procurar respostas para a questão-problema ou concluir hipóteses”.

Segundo Gil (2010 p. 45) a pesquisa bibliográfica,

“Como qualquer outra, desenvolve – se ao longo de uma série de etapas. Seu número, assim como seu encadeamento, depende de muitos fatores, tais como a natureza do problema, o nível de conhecimentos que o pesquisador dispõe sobre o assunto, o grau de precisão que se permite conferir à pesquisa”.

É através dessas etapas que a pesquisador concluiu a pesquisa de forma clara e eficaz. A metodologia escolhida para este caso foi a Revisão Bibliográfica.

4 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS DA PESQUISA

A obra de D’quino (2008, p.11), diz que as bases de um modelo financeiro são moldadas por volta dos cinco anos de idade. Portanto a forma que conduzimos nossa vida financeira foi, amplamente construída a partir do que vivenciamos de maneira indireta: ouvindo, deixando de ouvir ou vimos e deixamos de ver nossos pais ou responsáveis fazerem ou dizerem a respeito do dinheiro.

Na Lei 8.069 de 13 de julho de 1990. Art.2º Considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescentes aquela entre doze e dezoito anos de idade. Conforme D'Aquino (2003) quem não sabe lidar com dinheiro não o saberá ganhando R\$ 200,00 ou 20.000,00. Independente da quantia surgirão problemas sempre a com gravidades gradativas. "Como não aprendemos, precisamos agora esforçar-nos em dobro para ensiná-la a nossos filhos" (D'AQUINO, 2008, p. 9).

Não há dúvida de que a falta de diálogo sobre dinheiro é ruim para as finanças da família. Cerbasi (2004, p. 26-27). A inclusão da educação financeira no início da vida estudantil irá colaborar para a formação das crianças e adolescentes para que possam ajudar suas famílias nos objetivos de vida e também proporcionar maior inclusão da população ao sistema financeiro independente da classe social.

Uma pesquisa realizada pela S&P Ratings Services Global Financial Literacy Survey (Pesquisa Global de Educação Financeira da divisão de ratings e pesquisas da Standard & Poor's) entrevistou mais de 150 mil adultos e o resultado foi que somente 35% da população mundial são consideradas educadas financeiramente, isto significa cerca de 3,5 bilhões de adulto.

A Estratégia Nacional para Educação Financeira (ENEF) tem o objetivo de promover uma cultura de educação financeira no país e permitindo aos cidadãos fazer decisões financeiras. A finalidade da estratégia é nacional, tendo como alvos crianças, jovens e adultos, e suas metas ambiciosas, envolvendo um grande conjunto de atores e uma multiplicidade de mecanismos de entrega para educação financeira.

Conforme afirmação de D'Aquino (2008), a educação financeira infantil, quando bem feita, prepara a criança para os mais diversos obstáculos e surpresas da vida adulta. A própria autora, em entrevista concedida, defende que é de fundamental importância a preparação das novas gerações para acontecimentos específicos em relação a situações de trabalho e de resolução de problemas, já que viverão em uma situação de maior flexibilidade em termos de legislação trabalhista, além do fato de que viverão mais e certamente passarão por períodos de mudanças econômicas.

Godfrey (2007), diz que o grande endividamento da parcela jovem da população é explicado pela facilidade de obtenção de cartões de crédito e a

inexistência de uma educação financeira eficiente. Para a autora, é preciso dialogar com as crianças desde bem pequenos, explicando o valor do dinheiro e incentivando a criação de um senso crítico. Isso deve ser realizado principalmente porque, em uma cultura em que os meios de comunicação apresentam anúncios focados a crianças a partir dos três anos de idade, ocorre que, sem uma educação eficaz guiada à responsabilidade financeira, essas crianças crescem confundindo o valor pessoal ligado à personalidade e caráter de cada indivíduo com o valor medido pelo acúmulo de patrimônio.

Para Cássia D'Aquino (2008), a estimulação midiática, o consumo desenfreado e a falta de limites dados às crianças dificultam o processo de criação de uma mentalidade sadia e eficiente em relação ao dinheiro, já que a educação financeira infantil exige uma perspectiva de longo prazo, aliado à muito treinamento e persistência. Além disso, a nova geração apresenta um intenso contato com o dinheiro, mostrando possuir noções sobre o preço das mercadorias e o valor do dinheiro cada vez mais cedo.

Neste cenário, é preciso que os adultos façam uso das ferramentas adequadas para passar às crianças os conceitos adequados e estimulá-las a criar uma mentalidade crítica e consciente. Diante disso, Godfrey (2003), formulou uma estrutura segregada por faixa etária que inicialmente dirige-se aos pais ou responsáveis diretos, mas que pode ser estendida a outras abordagens.

Primeiramente, é essencial entender que à medida que a criança apresenta evoluções em seu desenvolvimento, ela deixa de acreditar em alguns conceitos antes tidos como verdades absolutas e passa a se preocupar com coisas novas, descobrindo o mundo ao seu redor.

Dessa forma, conforme afirma Cerbasi (2011), para cada etapa do desenvolvimento a criança terá visões diferentes a respeito de diversos conceitos, inclusive com relação ao dinheiro, e é preciso lembrar que desde os primeiros anos de vida essas crianças já estão sendo expostas a uma cultura extremamente consumista e focada na acumulação monetária.

De acordo com Godfrey (2003), os princípios relacionados à questão financeira podem ser divididos em “dez princípios básicos do dinheiro”, sendo: (1) como poupar; (2) como manter o controle do dinheiro; (3) como ser recompensado pelo que você merece; (4) como gastar com sabedoria; (5) como falar sobre

dinheiro; (6) como lidar com um orçamento limitado; (7) como investir; (8) como exercitar o espírito empreendedor; (9) como lidar com o crédito; e (10) como usar o dinheiro para mudar o mundo.

Diante destas definições, Godfrey (2003), busca estruturar estratégias eficientes dentro de cada um destes princípios para quatro faixas etárias principais do aprendizado: de 5 a 8 anos, de 9 a 12 anos, de 13 a 15 anos e de 16 a 18 anos. Neste trabalho será abordada a faixa de 5 a 8 anos. De acordo com Cássia D'Aquino em entrevista concedida, a idade ideal para que se desenvolva a mentalidade de consumo consciente e de educação financeira está compreendida dentro desta faixa etária, pois é aqui que são formadas as relações cognitivas que darão as bases para o futuro desenvolvimento da criança.

Godfrey (2003) expõe que é necessário prestar atenção se os ensinamentos são de fato adequados à faixa etária com a qual se está lidando, já que crianças com idade entre 5 e 8 anos geralmente são extremamente curiosas, literais e enérgicas, além de apresentarem, ocasionalmente, falta de atenção e até mesmo egocentrismo. Diante disso, a autora expõe as principais habilidades financeiras que devem ser estimuladas nessa idade: contar moedas e notas, entender os propósitos do dinheiro, aprender as diferenças entre vontades e necessidades e começar a desenvolver um senso de ética e justiça. Essas principais habilidades são, então, estimuladas por meio de cinco lições principais, conforme exposto a seguir.

Em primeiro lugar, é interessante introduzir a criança aos “dez princípios básicos do dinheiro” (GODFREY, 2003), expostos anteriormente, por meio de ações específicas relacionadas a cada um deles. Em segundo lugar, deve-se dar início a uma “remuneração” para a criança (de preferência semanal), mas sempre reforçando o fato de que não é como um salário ou garantia, mas sim uma ferramenta que irá ajudá-la a lidar com o dinheiro da melhor maneira. A terceira lição consiste em observar e reagir aos estilos de lidar com dinheiro de cada criança assim que eles começarem a aparecer.

Em quarto lugar, Godfrey (2003) reforça a importância de comunicar aos demais que estão ao redor da criança a visão que se deseja que ela tenha do dinheiro e alguns principais valores que deverão ser enfatizados ao longo dos anos. Por fim, a quinta lição para os pais é que comecem uma conta de poupança ou

investimento para seus filhos o mais cedo possível, pois devido aos juros incorridos, mesmo pequenas quantias podem se tornar significantes no futuro.

As sugestões a seguir podem ser usadas como um guia de atividades e recursos que podem se mostrar efetivos para crianças com idade entre cinco e oito anos, agrupadas pelos “dez princípios básicos do dinheiro” trabalhados por Godfrey (2003).

1. COMO POUPAR

- a. Defina as três possibilidades para a remuneração (de preferência semanal): gastos, economias e doações.
- b. Leve a criança para visitar um banco, abra uma conta de poupança, e retornem frequentemente para fazer depósitos ou retirar dinheiro.

2. COMO MANTER O CONTROLE DO DINHEIRO

- a. Estimule a criança a contar o dinheiro que recebe e colocar os valores em um gráfico ou tabela, tornando essa uma tarefa regular.
- b. Identifique algum produto que a criança goste e faça com que ela saiba o seu valor.
- c. Conte o troco recebido nas compras e peça à criança que guarde essas pequenas quantias em um cofre, e leve ao banco uma vez por mês para depositar na conta de poupança.

3. COMO SER RECOMPENSADO PELO QUE VOCÊ MERECE

- a. Faça uma lista de “crédito extra” que pode ser obtido ajudando nas tarefas domésticas, e o intervalo de valor que pode ser obtido com cada atividade. Uma vez por semana, a criança deve escolher uma das atividades listadas e negociar o valor a ser recebido.

4. COMO GASTAR COM SABEDORIA

- a. Planeje a próxima visita a uma loja de brinquedos ou outro destino intrigante para a criança: é necessário conversar com a criança para estabelecer parâmetros de quanto dinheiro ela terá para gastar, e discutir as alternativas existentes (a quantia será gasta com um produto apenas ou vários produtos?).
- b. Dê uma calculadora à criança quando ela for acompanhar os processos de compra para que ela possa somar os custos e ter conhecimento do valor de cada bem comprado.
- c. Seja um modelo de consumidor consciente para a criança.

5. COMO FALAR SOBRE DINHEIRO

- a. Estimule a criança a falar sobre as diferentes maneiras de se usar o dinheiro.
- b. Não tenha medo de dizer “nós não podemos comprar porque não temos dinheiro”.
- c. Não tenha medo de dizer “nós temos dinheiro para comprar, mas essa não é a maneira com a qual eu gostaria de gastar nosso dinheiro” e então explicar as razões para tal comportamento.

6. COMO LIDAR COM UM ORÇAMENTO LIMITADO

- a. Comece um programa de remuneração (de preferência, ganhos semanais proporcionais à idade da criança – uma criança de seis anos, por exemplo, ganhará seis reais por semana), e estabeleça uma periodicidade para verificar como a criança está lidando com o dinheiro recebido e as lições aprendidas (a cada três meses, por exemplo).
- b. Quando houver oportunidade de comer fora de casa, dê o cardápio à criança e estabeleça uma quantia a ser gasta, e peça que ela faça os pedidos da família sem extrapolar o orçamento definido.

7. COMO INVESTIR

- a. Introduza o conceito de “taxa de juros”, mostrando a evolução do dinheiro depositado no banco ao longo do tempo.
- b. Introduza os conceitos de parceria e de capital próprio.

8. COMO EXERCITAR O ESPÍRITO EMPREENDEDOR

- a. Estimule projetos de empreendedorismo e ajude a criança no estabelecimento dos preços dos produtos (banca de limonada ou venda de pulseiras feitas em casa, por exemplo), e valorize as iniciativas parabenizando a criança.

9. COMO LIDAR COM O CRÉDITO

- a. Estimule a criança a pegar pequenas quantias de dinheiro emprestadas de você, e faça com que ela pague de volta com os ganhos da própria remuneração (“mesada” ou “semanada”).
- b. Quando você comprar algo para a criança com seu cartão de crédito, mostre-a o extrato quando chegar e explique como você pagou pelo produto.

10. COMO USAR O DINHEIRO PARA MUDAR O MUNDO

- a. Em ocasiões especiais, como o Natal, estimule a criança a contribuir com brinquedos para crianças carentes.

b. Estabeleça um dia especial em que todos os integrantes da família realizam trabalho voluntário.

De acordo com D'Aquino em entrevista concedida, os pais são os agentes com principal influência no processo de educação financeira infantil, de modo que cabe à escola primeiramente passar ensinamentos básicos como ler e escrever adequadamente para depois se preocupar com as questões financeiras. Segundo a entrevistada, a escola pode e deve exercer seu papel no sentido de incentivar o consumo consciente e o pensamento crítico de seus alunos com relação aos mais diversos assuntos, e não somente com relação ao dinheiro. Esse estímulo ao senso crítico fará com que as crianças se tornem adultos mais maduros e conscientes, o que terá aplicação estendida às questões financeiras, mas defende que o papel primordial no sentido de educar financeiramente as crianças é dos pais.

No entanto, há estratégias bem-sucedidas por parte de escolas, tanto particulares quanto públicas, no sentido de estimular nas crianças a criação desse senso crítico necessário. A escola e os pais devem, juntos, atuar para que juntos em novas ideias e estratégias educacionais, criando um ambiente de mútuo reconhecimento e comprometimento, sempre lembrando que, ao lidar com crianças, não devem ser expostos conceitos complexos de finanças e nem os motivar a poupar dinheiro pela pura acumulação, mas sim ensiná-los conceitos simples que se apliquem ao seu cotidiano de maneira natural motivando-os a se tornarem consumidores mais conscientes e responsáveis.

A OCDE (2012), defende que, para que a abordagem de educação financeira escolar seja efetiva em escala mais abrangente, é preciso que ela seja parte de uma estratégia nacional direcionada à capacitação financeira da população, e não apenas uma estratégia isolada. Para isso, a organização expõe que o ideal seria que a estratégia possua uma instituição líder que assegure a relevância do projeto e a sustentabilidade de longo prazo. É interessante também que, na medida do possível, seja identificada uma fonte de financiamento que apoie o projeto desde o início e se mantenha sustentável.

Além disso, deve ser estabelecido um “quadro de aprendizagem” que defina metas, resultados, conteúdos, abordagens pedagógicas, recursos e planos de avaliação. Essa estratégia, que pode ser caráter nacional, regional ou local, deve

garantir que o conteúdo explorado estimule conhecimentos, habilidades, atitudes e valores.

A instituição defende ainda que a educação financeira deve ser tida como parte essencial do currículo escolar. Apesar de poder ser explorada como uma disciplina isolada, o ideal é que ela converse com outras disciplinas do currículo escolar (como matemática, ciências sociais, atualidades e cidadania) e promova uma integração entre elas, já que tem o poder de trazer a ideia de realidade para o contexto das demais matérias, e conseqüentemente dando mais base na preparação das crianças para a vida real.

Como fator de destaque para a eficácia do ensino escolar, a instituição destaca também a importância dos professores: aqueles que estiverem envolvidos no projeto devem ser munidos dos recursos adequados e devidamente treinados, para que reconheçam a importância da educação financeira e seus métodos pedagógicos, recebendo suporte e treinamento contínuos, além de acesso a materiais e ferramentas de ensino de alta qualidade e eficácia. Para que os alunos sejam devidamente motivados e encorajados, é preciso que os professores sejam instruídos a avaliar o progresso dessas crianças e reconhecer suas realizações.

5 CONCLUSÃO

Considerando a educação financeira uma habilidade essencial para a vivência na sociedade atual, o trabalho apresentado teve como objetivo discorrer sobre a influência da educação financeira sobre a vida das pessoas, principalmente das crianças, seu impacto nelas e na sociedade a qual estão inseridas.

Primeiramente Conclui-se que a educação financeira da população de um país está ligada a diversos fatores. Além disso, conclui-se o fato de que a educação financeira é efetiva no sentido de instruir os indivíduos a serem financeiramente mais responsáveis e mais conscientes, fazendo uso de produtos financeiros adequados e evitando ficarem em situação de inadimplência.

A partir dessas conclusões, justifica-se a adoção de políticas de educação financeira de longo prazo, em especial quando se fala na adoção de práticas de ensino financeiro infantil. As crianças vêm crescendo em um mundo cada vez mais complexo e rapidamente mutável. Ao mesmo tempo, os produtos e serviços financeiros também ficam cada vez mais complicados, dificultando a tomada de decisões. Somado a esses fatores, vem o fato de que tanto o desenvolvimento econômico quanto o tecnológico propiciam alta integração global e mudanças massivas nas comunicações, nas transações financeiras, nas interações sociais e no comportamento do consumidor, aumentando ainda mais a complexidade da situação. Diante disso, é importante que sejam firmados os conceitos da educação financeira para que as crianças e adolescentes adquiram um nível de consciência de longo prazo tornando-os consumidores e investidores responsáveis, pois uma vez que estes comportamentos sejam internalizados pelas crianças e adolescentes desde cedo, dificilmente se perderão ao longo de suas vidas.

A partir das hipóteses estruturadas e das análises realizadas, responde-se à pergunta de pesquisa proposta: “Como a educação financeira infantil pode auxiliar na formação de adultos mais conscientes e de que forma ela deve se estruturar para atingir este objetivo?”. Tendo isso em vista, o presente trabalho buscou estruturar as

principais abordagens e instrumentos a serem utilizados para garantir a eficácia da estimulação financeira infantil. E é aqui que emergem as demais conclusões principais do estudo.

Primeiramente, conclui-se que a educação financeira infantil é um processo de longo prazo que deve ser realizado de maneira contínua para que estimule comportamentos consistentes e responsáveis. Nesse sentido, para garantir máxima eficácia do projeto, a educação financeira deve ser estimulada e trabalhada tanto pelos pais quanto pela escola na qual a criança estuda.

Dessa forma, não se deve, por exemplo, introduzir conceitos complexos para crianças pequenas ou até mesmo infantilizar a abordagem direcionada aos adolescentes, pois essa prática comprometeria a eficácia da educação financeira como processo, cujo objetivo primordial é estabelecer ensinamentos de longo prazo que farão com que as crianças e jovens se tornem adultos mais conscientes. Por outro lado, há algumas vertentes do ensino que se mostram atemporais, como por exemplo a importância de que os adultos sirvam de exemplos a serem seguidos e também a importância de fazer com que as crianças e adolescentes entendam as diferenças entre desejos, vontades e necessidades. O processo a ser estabelecido e seguido é extenso, uma vez que seus objetivos primordiais são de longo prazo: vencer o desafio do consumo responsável e da conscientização da sustentabilidade pelo caminho da educação financeira exige comprometimento, foco e recorrência.

Mas os esforços justificam-se na medida em que são verificados os primeiros resultados. Além disso, por meio da educação financeira os jovens e crianças não aprendem somente a lidar com o dinheiro em si, mas também entendem e exploram conceitos como organização, planejamento, controle, responsabilidade e ética.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACEN- BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Caderno de Educação Financeira – Gestão de Finanças Pessoais**. Brasília: BCB, 72p, 2013.

BAUMAN, Z. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 190 p, 2008.

BORGES, PAULO ROBERTO SANTANA; **A influência da educação financeira pessoal nas decisões econômicas dos indivíduos**, Universidade Estadual do Paraná, Apucarana, 2013.

BRITO, L. Da. S.; BAPTISTA, J.A.; SILVA, S.R.Da; BRAZ, S.; HENRIQUE, M.R.; **A importância da educação financeira nos contextos acadêmicos e profissional: um levantamento de dados com alunos universitários**. Simpósio de excelência em gestão e tecnologia, 2012.

CERBASI, Gustavo. **Casais inteligentes enriquecem juntos: finanças para casais**. São Paulo: Gente, 2004.

CERBASI, Gustavo. **Pais inteligentes enriquecem seus filhos**. Rio de Janeiro: Sextante, 2011.

CERVO, AMADO LUIZ, P. A. BERVIAN, ROBERTO DA SILVA. **Metodologia Científica**. 6 ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

D'AQUINO, C. **Educação financeira: como educar seus filhos**. 1 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008. 180 p. _____. A importância da educação financeira. Fev. 2003.

DIEESE – DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS. **Nota Técnica 109: Spread e juros bancários**. Abr 2012.

_____. **Nota Técnica 123: Um novo cenário para o setor financeiro no Brasil**.

Abr 2013.

GODFREY, J. **Criando crianças financeiramente adequadas.** 1 ed. Ten Speed Press, 224 p., 2003.

GODFREY, N. **Dinheiro não dá em árvore: um guia para os pais criarem filhos financeiramente responsáveis.** 1 ed. São Paulo: Jardim dos Livros, 189 p., 2007.

GREENSPAN, A. **Declaração preparada, Senado dos EUA, Comissão de Assuntos Bancários, Habitação e Assuntos Urbanos, Audição sobre o estado da alfabetização e educação financeira nas Américas.** 5 fev. 2003.

KIOYOSAKI, R. T.; Lechter, S.L. **Pai Rico, pai pobre: O que os ricos ensinam a seus filhos sobre dinheiro.** 66 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2000.

FERREIRA, José Carlos; A importância da educação financeira pessoal para qualidade de vida. Caderno de Administração. **Revista do Departamento; de Administração da FEA ISSN 1414-7394** Pontifícia Universidade Católica de São Paulo v.1, 2017.

GIL, Antonio Carlos, 1946. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia Científica.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2004.

MACEDO JR., Jurandir Sell. **A Árvore do Dinheiro: guia para cultivar a sua independência financeira.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

OCDE - ORGANIZAÇÃO PARA COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO. **Melhorando a alfabetização financeira: análise de questões e políticas.** Paris, 181 p., 2005.

_____. **A importância da educação financeira.** Resumo de Política. Julho de 2006.

_____. **Educação financeira nas escolas.** Rede Internacional de Educação Financeira. Publicação da OCDE, 8p., 2012.

OLIVEIRA, A.E.; MACHADO, F.F. Da S.; MARTINS, J. C.; SPOSITO, R.R.; **A importância da educação financeira no contexto escolar e familiar: uma amostra do projeto implantado na UNESPAR.** Universidade Estadual do Paraná, Apucarana, 2018.

PEREIRA, Débora Hilário (et al.). **A educação financeira infantil seu impacto no consumo consciente.** Monografia (Bacharel em Administração) – Faculdades Integradas Campos Salles, São Paulo, 2009.

SILVA, E.D. **Gestão em Finanças Pessoais: uma metodologia para se adquirir educação e saúde financeira.** Rio de Janeiro: Quatymark, 2004.

TEIXEIRA; L.A.A.; XAVIER, K.O.De A.; **Educação Financeira como um método de aprendizagem do uso do dinheiro para alunos do ensino médio de escola públicas.** UFF/ICHS, 2018.